

PAIAÇÚ ou o sermão do Pai Grande (em defesa dos índios, dos escravos e da salvação dos homens)

I

Foram tais os meios com que os moradores do Maranhão obraram o avassalar dos índios, que desde o princípio do mundo não se executaram tantas injustiças, crueldades e tiranias como executou a cobiça e a impiedade de Vossas mercês e dos chamados conquistadores do Maranhão...

...Injustiças, crueldades e tiranias de Vossas mercês, que as fazem nos bens, no suor, no sangue, na liberdade, nas mulheres, nos filhos, nas vidas e sobretudo nas almas dos miseráveis índios!

Treme e tem horror a língua de pronunciar o que viram os olhos; mas sendo o caso tão feio, tão horrendo, tão atroz e tão sacrílego que se não pode dizer, é tão público e tão notório que se não deve calar.

II

Quando Deus confundiu as línguas na Torre de Babel todos ficaram mudos e surdos, porque ainda que todos falavam e todos ouviam, nenhum entendia o outro.

Na antiga Babel houve setenta e duas línguas:

na Babel deste rio das Amazonas já se conhecem mais de cento e cinquenta, tão diversas entre si como a nossa e a grega;

e assim, quando chegamos, todos nós somos mudos, e todos eles surdos.

Vede, agora, quanto estudo e quanto trabalho será necessário para que estes mudos falem, e estes surdos ouçam.

É necessário tomar o bárbaro à parte, e estar e instar com ele muito só por só, e muitas horas, e muitos dias:

é necessário trabalhar com os dedos, escrevendo, apontando e interpretando por acenos o que se não pode alcançar das palavras:

é necessário trabalhar com a língua, dobrando-a, e torcendo-a, e dando-lhe mil voltas para que chegue a pronunciar os acentos tão duros e tão estranhos:

é necessário levantar os olhos ao Céu, uma e muitas vezes com a oração, e outras quase com desesperação,

é necessário, finalmente, gemer, e gemer com toda a alma; gemer com o entendimento, porque em tanta escuridade não se vê saída; gemer com a memória, porque em tanta variedade não se acha firmeza; e gemer até com a vontade, por constante que seja, porque no aperto de tantas dificuldades desfalece e quase desmaia.

Meus irmãos do Maranhão:

concedo-vos que o índio bárbaro e rude seja uma pedra;

mas vede, no entanto, o que faz de uma pedra a arte.

Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e, depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão e começa a formar um homem,

primeiro membro a membro e depois feição por feição, até à mais miúda: ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe a mão, divide-lhe os dedos, lança-lhe o vestido; aqui desprega, ali arruga, acolá recama, e fica um homem perfeito e talvez um santo que se pode pôr no altar.

Se a fortuna fez os índios escravos, a natureza fê-los homens:

e porque há-de poder mais a desigualdade da fortuna para o desprezo, que a igualdade da natureza para a estimação?

Quando os desprezo a eles, mais me desprezo a mim; porque neles desprezo o que é por desgraça, e em mim o que sou por natureza.

A esta razão forçosa em toda a parte se acrescenta outra que convence a injustiça, e exagera a ingratidão.

Quem vos sustenta senão os vossos escravos? Pois se eles são os que vos dão de comer, porque lhes haveis de negar a mesa, que mais é sua que vossa?

III

Senhores meus, subir ao púlpito para dar desgosto, não é do meu ânimo, e muito menos a pessoas que eu desejo todos os gostos e todos os bens. Por outra parte, subir ao púlpito, e não dizer a verdade, é contra o ofício, contra a obrigação e contra a consciência, principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, e com tanta liberdade, e a tão grandes ouvidos.

Pergunto-vos: Qual é melhor amigo: aquele que vos avisa do perigo, ou aquele que, por vos não dar pena, vos deixa perecer nele?

Iluminou-me Isaías e são dele as palavras: “Brada, ó pregador, e não cesses; levanta a tua voz como trombeta, desengana o meu povo, anuncia-lhe seus pecados, e diz-lhe o estado em que estão. E sabes, pregador, porque quero que desenganes este meu povo, e por que quero que lhes declares seus pecados? – Porque são uns homens – diz Deus – que me buscam todos os dias, e fazem muitas coisas em meu serviço, e, sendo que têm gravíssimos pecados de injustiças, vivem tão desassustados, como se estivessem em minha graça”.

Cristãos, Deus me manda desenganar-vos, e eu vos desengano da parte de Deus. Todos estais em pecado mortal, todos viveis e morreis em estado de condenação, e todos vos ides ao inferno. Já lá estão muitos, e vós também estareis cedo com eles, se não mudardes de vida.

Pois, valha-me Deus! Um povo inteiro em pecados? Um povo inteiro ao inferno?

Quem tem ouvidos, e não é surdo aos ouvidos de Deus, ouça: E que há-de ouvir?

Poucas palavras, mas tremendas:

todo aquele que cativar será cativo.

IV

Para falar com o fundamento e a clareza que convém em matéria tão importante como da consciência e tão delicada como da liberdade, é necessário primeiro que tudo supor que índios são estes de que se trata e que índios não são.

São pois os ditos índios aqueles que, vivendo livres e senhores naturais das suas terras, foram arrancados delas por uma violência e tirania e trazidos em ferros com a crueldade que o mundo sabe, morrendo natural e violentamente muitos nos caminhos de muitas léguas até chegarem às terras do Maranhão onde os moradores delas ou os vendem, ou se servem deles como escravos. Esta é a justiça, esta a miséria, este o estado presente e isto o que são os índios do Maranhão.

O que não são, sem embargo de tudo isto, é que não são escravos nem vassalos. Escravos não, porque não são tomados em guerra justa; e vassalos também não, porque assim como o espanhol ou genovês cativo em Argel é contudo vassalo do seu rei e da sua república, assim o não deixa de ser o índio, posto que forçado e cativo, como membro que é do corpo e cabeça política de sua nação, importando igualmente para a soberania da liberdade tanto a coroa de penas como a de ouro e tanto o arco como o ceptro.

Todos, ou quase todos os homens do Maranhão, devem serviços e liberdades alheias, e, podendo restituir, não restituem; logo, todos ou quase todos se condenam.

Dir-me-eis que, ainda que isto fosse assim, que eles não o cuidavam nem o sabiam, e que a sua boa fé os salvaria.

Nego tal: sim, cuidavam, e sim, sabiam, como também vós o cuidais e o sabeis; e se o não cuidavam, nem o sabiam, deveram cuidá-lo e sabê-lo. A uns condena-os a certeza, a outros a dúvida, a outros a ignorância. Aos que têm a certeza, condena-os o não restituírem; aos que têm dúvida, condena-os o não examinarem; aos que têm ignorância, condena-os o não saberem, quando tinham obrigação de saber.

V

Melhor é sustentar do suor próprio que do sangue alheio.

Esta a Resposta aos que dizem que o Estado de Maranhão não se pode sustentar sem índios.

Este povo, esta república, este Estado se não pode sustentar sem índios! Quem nos há-de ir buscar um pote de água, ou um feixe de lenha? Quem nos há-de fazer duas covas de mandioca? Hão-de ir nossas mulheres? Hão-de ir nossos filhos?

Primeiramente não são estes os apertos em que vos hei-de pôr;

mas quando a necessidade e a consciência obriguem a tanto, digo que sim, e torno a dizer que sim; que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustentássemos dos nossos braços;

porque melhor é sustentar do suor próprio, que do sangue alheio.

Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torcerem, haviam de lançar sangue!

Direis que os vossos chamados escravos são os vossos pés e as vossas mãos, e também podereis dizer que os amais muito, porque os criastes como filhos, e porque vos criam os vossos.

É certo que as famílias dos portugueses e índios estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente e a língua que

nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola...

Assim é, mas já Cristo respondeu a esta réplica

– Não quer dizer Cristo que arranquemos os olhos, nem que cortemos os pés e as mãos, mas quer dizer que, se nos servir de escândalo aquilo que amarmos como os nossos olhos, e aquilo que havemos mister como os pés e as mãos, que o lancemos de nós, ainda que nos doa, como se o cortáramos.

Se para segurar a consciência, e para salvar a alma, for necessário perder tudo, e ficar como um Jó, perca-se tudo.

Morreram-vos já alguns índios? Fugiram-vos já alguns índios? Muitos.

Pois, o que faz a morte, porque não fará a razão? Pois não é melhor perdê-los por serviço de Deus, que perdê-los por castigo de Deus?

Que homem haverá tão esquecido de Deus e tão inimigo de si mesmo, que se não contente com uma coisa tão justa e tão útil?

Se quereis que Deus não se ofenda e vos ouça reconheçam a todos por irmãos, e por seus iguais na nobreza como filhos dum mesmo Pai: porque este é o foro em que Cristo nos igualou a todos, quando a todos sem diferença nos mandou dizer Pater noster.

VI

Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra, para emenda e reforma dos vícios que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, vós o sabeis e eu por vós o sinto.

Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus pela circunstância da pessoa? Será porque antigamente os pregadores eram santos, e hoje os pregadores

são eu e outros como eu? Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo.

Mas chegando o povo a se levantar, ou a intrigar, contra a pregação, que faremos?

Invoquemos Santo António, quando pregava em Itália na cidade de Arimino, contra os hereges, que nela eram muitos; e como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o santo, mas chegou também o povo a se levantar contra ele, e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida:

— Como quando vos virais contra a Igreja quando aqui no Maranhão interrogo vossas consciências: “não será melhor perder índios por serviço de Deus, que perdê-los por castigo de Deus? Todo o homem que deve serviço ou liberdade alheia, e, podendo-a restituir, não restitui, é certo que se condena”;

Que fazer perante a vossa indiferença?

Que faria neste caso o ânimo generoso do grande Santo António?

Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo?

Isso ensinaria porventura a prudência, ou a covardia humana;

mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez?

Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina.

Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes.

Oh, maravilhas do Altíssimo! Oh, poderes do que criou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, António pregava e eles ouviam.

Isto suposto, quero agora, à imitação de Santo António, voltar-me da terra ao mar e, já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes.

O mar está tão perto que bem me ouvirão.

Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam.

Irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer, que, entre todas as criaturas viventes e sensitivas, vós fostes as primeiras que Deus criou. A vós criou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que aos animais da terra, e a vós primeiro que ao mesmo homem. Entre todos os animais do mundo, os peixes são os mais e os peixes os maiores.

Que comparação têm em número as espécies das aves e as dos animais terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o elefante com a baleia?

Estes e outros louvores, estas e outras excelências de vossa geração e grandeza vos pudera dizer, ó peixes; mas isto é lá para os homens, que se deixam levar destas vaidades, e é também para os lugares em que tem lugar a adulação, e não para o púlpito.

Falando dos peixes, Aristóteles diz que só eles entre todos os animais se não domam nem domesticam. Dos animais terrestres o cão é tão doméstico, o cavalo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam. Dos animais do ar, afora aquelas aves que se criam e vivem connosco, o papagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento.

Os peixes, pelo contrário, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos, lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja dele.

Os autores comumente condenam esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui diferente opinião. Não condeno,

antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que se não fora natureza, era grande prudência.

Peixes! Quanto mais longe dos homens, tanto melhor; trato e familiaridade com eles, Deus vos livre!

Mas a coisa que me escandaliza, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande.

Considerai, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós.

Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo.

Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos.

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe! E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram! Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, ou poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros!

E de que modo os devoram e comem? não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come; e isto é o que padecem os pequenos. São o pão quotidiano dos grandes; e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem.

Estes são os pecados do Maranhão, estes são os que Deus me manda que vos anuncie.

Os senhores poucos, os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nus; os senhores banqueteados, os escravos perecendo à fome; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como deuses.

Parece-vos bem isto, peixes?

Parece-vos bem isto, homens?

Sabeis, cristãos, sabeis, nobreza e povo do Maranhão, o que quer Deus de vós?

Que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres os que tendes cativos e oprimidos.

Deus, para vos sustentar e para vos fazer ricos, não depende de que tenhais um tapuia mais ou menos.

Cristãos do Maranhão, cristãos de Portugal, Deus me manda desenganar-vos, e eu vos desengano da parte de Deus.

Todo o homem que deve serviço ou liberdade alheia, e, podendo-a restituir, não restitui, é certo que se condena.

Excertos de sermões de Padre António Vieira.

Sermões convocados: Sermão da Epifania, Sermão do Espírito Santo, Sermões do Rosário (Sermão Vigésimo Sete), Sermão da Primeira Dominga da Quaresma, Sermão de Santo António, Escritos Instrumentais Sobre os Índios.

Ficha Artística

Dramaturgia de Miguel Abreu com a colaboração de João Grosso. Estreado no Festival Todos-Caminhada de Culturas, a 15 de setembro, na Igreja de São Domingos. Intérpretes: João Grosso e Grupo Coral Alentejano Serões d'Aldeia da Trindade.

Reposto em Lisboa na Igreja de São Roque entre outubro de 2014 e maio de 2015 com João Grosso e Sílvia Filipe ou F. Pedro Oliveira e Sílvia Filipe.

Reposto em Lisboa na Igreja de São Roque entre outubro de 2015 e maio de 2016 com João Grosso ou F. Pedro Oliveira e Sílvia Filipe ou Sofia de Portugal.